

“COMO ME VEEM”, “COMO EU ME VEJO”: ESTUDO DE CASO DE ADOLESCENTES DE UMA COMUNIDADE EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL

“As they see me”, “as I see me”: study of adolescents of a community in the situation of social vulnerability

Caroline Dall Agnol*

Resumo: Como adolescentes de comunidades em situação de vulnerabilidade social se percebem frente à ideologia de dominação e de exclusão ao seu redor? Este artigo sugere uma possibilidade de como o audiovisual pode ser ferramenta na educação e na discussão sobre conceitos de pertencimento, estigma, ideologia e identidade de adolescentes. A pesquisa, que resultou em dissertação,¹ defendida em 2015, mostra a produção audiovisual num processo imersivo que trabalhou esses conceitos com adolescentes da Comunidade Reolon, em Caxias do Sul (RS). O estudo se propôs focar uma educação humanizadora e libertadora, inspirada em Feire (1996, 2004, 2007) conversando com autores como Honneth (2003), Martín-Barbero (2001), Pêcheux (1999), Bourdieu (2010, 1974, 1983, 1972), Canclini (1984, 1999), Hall (2005) e Goffman (1988). Os questionamentos – “Como me veem?”, “Como eu me vejo?” – foram técnicas metodológicas utilizadas na produção audiovisual permitindo reflexão e revelando pistas para a investigação de como esses adolescentes percebem o espaço ao seu redor e como lidam com estigmas a que estão sujeitos. O método-guia foi o

* Mestra em História pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Linha de pesquisa Fontes e Linguagens. Bacharelada em Comunicação Social – Jornalismo pela UCS. Foi coordenadora de Jornalismo WebTV na Grande Florianópolis pelo Portal Desacato.info, mídia independente com enfoque no Jornalismo Político e Políticas Públicas. E-mail: <carolineagnol@gmail.com>.

Revisão técnica e ortográfica: Dra. Eliana Rela.

Data da submissão: 30.9.2018

Data de aceite: 20.11.2018

¹ Produção audiovisual como recurso didático-pedagógico no ensino de história: “Como me veem?”, “Como eu me vejo?” **Estudo de caso de adolescentes de uma comunidade em situação de vulnerabilidade social** (2015), dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Mestrado Profissional da UCS, área de Concentração Ensino de História: Fontes e Linguagens, com orientação da Profa. Dra. Eliana Rela.

fenomenológico-hermenêutico, partindo da observação participante com apoio de entrevistas em profundidade, análise de conteúdo e análise do discurso.

Palavras-chave: Identidade. Adolescente. Audiovisual. Pedagogia/metodologia no Ensino de História.

Abstract: How do teenagers from communities in social vulnerability situation perceive themselves before the ideology of domination and exclusion around them? This article suggests a possibility of how the audiovisual can be a tool in the education and the discussion about concepts of belonging, stigmas, ideology and identities of teenagers. This research, which resulted in the dissertation defended in 2015, is an immersion of an audiovisual production process (with the direct participation of teenagers producing / telling their own histories), which worked these concepts with the teenagers from Reolon community in Caxias do Sul, RS. The study aimed to work on a humanizing and liberating education, inspired by the precepts of Paulo Freire (1996, 2004, 2007) and talking to the theorists Honneth (2003), Martín-Barbero (2001), Pêcheux (1999), Bourdieu (2010; 1974), Canclini (1984, 1999), Hall (2005) and Goffman (1988). The questions “How do people see me? How do I see myself?” – were methodological techniques in audiovisual production allowing reflection and revealing clues to the investigation of how such a teenager perceives the space around him or her and, as he or she deals with the stigma. What do the “others” talk about the community? (How do people see me?) How does the teenager develop a sense of identity and belonging? (How do I see myself?) The guiding method was the Phenomenological-hermeneutic, starting from a Participating Observation supported by four methodological techniques: Case Study, In-Depth Interviews, Content Analysis and Discourse Analysis.

Keywords: Identity. Teenagers. Audiovisual. Pedagogy/methodology in History Teaching.

1 Introdução

Direitos negados; julgamentos fáceis e estereotipados de territórios demarcados pela desigualdade. Desigualdade de direitos, desigualdade social, desigualdade econômica, desigualdade de comportamentos, desigualdade de respeito. Comunidades que convivem com ausência de infraestrutura, de políticas públicas, de reconhecimento. Construídas no estigma, na expansão da pobreza, na violência velada.

Como pesquisadora, a temática social sempre esteve lado a lado no processo de formação. Compreender as comunidades, combater o preconceito e os discursos injustos são e serão bandeiras sociais sempre presentes. No entanto, o que mais motiva a pesquisa é a constante

preocupação com adolescentes que vivem essa realidade. Será que o adolescente reconhece sua identidade dentre tantos estigmas instituídos ao seu redor? Como romper com os estereótipos que classificam os moradores de zonas periféricas e fazer com que a voz deles seja ouvida? Importa ressaltar que oficinas de produção audiovisual para adolescentes de periferias de grandes centros urbanos brasileiros não são novidade. São um fenômeno crescente, principalmente em centros educativos e Organizações Não Governamentais ONGs). No entanto, é possível analisar com criticidade que a ênfase das oficinas está embasada na preocupação funcionalista, isto é, o audiovisual como ferramenta de trabalho técnico (mão-de-obra) e não como ferramenta de caráter humanizador, crítico e de desenvolvimento da autonomia do aluno que produz a própria história. Leite (2005) compreende que a utilização da produção de vídeo, em formato de oficina, começou no Brasil com o programa *Comunidade Solidária*, criado em 1995 por Ruth Cardoso, em um contexto político neoliberal na gestão de FHC. O foco estava no desenvolvimento de territórios miseráveis imersos na pobreza e na capacitação profissionalizante do público inserido nessas realidades. Dessa forma, as ONGs conseguiram se ampliar e atuar como agentes de educação não escolar e gerenciar cursos profissionalizantes, entre eles, as oficinas de produção audiovisual.

Na contracorrente, o propósito desta pesquisa é intensificar o papel do audiovisual como formação. Entende-se que é fundamental o domínio da técnica de utilização audiovisual, mas não somente isso. Freire (2007, p. 33) aponta que “transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador”.

Em Caxias do Sul, existem várias comunidades classificadas como reflexo dos circuitos inferiores (SANTOS, 1979), assim como em qualquer outro centro urbano. Dentre elas, uma despertava inquietação no desejo de pesquisa: a Comunidade Reolon. A comunidade é estereotipada por ser zona periférica, por ter grande parte das famílias que a compõem, histórico de remoção de outros espaços, considerados áreas de risco por se tratar de habitações irregulares. É, também, o lugar mais próximo de onde se localizava o aterro sanitário do município e onde está situada a Comunidade de Atendimento Socioeducativo (case) dos adolescentes privados de liberdade. Por todos esses motivos, a Comunidade Reolon enfrentou (e enfrenta) discursos violentos de discriminação e é marcada pelo estigma de *comunidade violenta*.

As áreas de conhecimento — ensino de História e Audiovisual — caminham juntas. Ambas desempenham o mesmo papel: desenvolver conhecimento, incentivar a criticidade do olhar para o mundo, buscar uma educação que, de fato, humanize.

Nosso problema de pesquisa era: A produção audiovisual, como recurso didático-pedagógico, no ensino de História, pode desenvolver o sentimento de identidade e pertença em adolescentes de comunidades em situação de vulnerabilidade social? Como objetivo geral, tínhamos que desenvolver uma metodologia com o uso de produção audiovisual no ensino de História, trabalhando o conceito de identidade e pertença de adolescentes de comunidades em situação de vulnerabilidade social. Os objetivos específicos eram: – Apresentar um histórico sobre o papel do audiovisual como instrumento didático-pedagógico; – Estudar os conceitos de identidade e pertença relacionando-os a comunidades em situação de vulnerabilidade social; – Analisar os conceitos de juventude e adolescência, buscando especificidades relacionadas a comunidades em situação de vulnerabilidade social e a situações de ensino/aprendizagem.

Utilizamos o método fenomenológico-hermenêutico, que serviu como guia para a interpretação e análise da produção audiovisual realizada por adolescentes da Comunidade Reolon, no período de seis meses. Dezenove alunos, de 14 a 15 anos de idade, do 8º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Machado de Assis, localizada no bairro de mesmo nome, participaram da produção audiovisual do documentário *REOLON por nós mesmos*, além de cinco bolsistas do Programa de Iniciação à Docência (Pibid) de História da Universidade de Caxias do Sul (UCS). A capacitação para as técnicas de produção de vídeo (enquadramentos e ângulos, significados da imagem, roteiro, dinâmica de filmagem e produção) se deram por oficinas. O documentário foi produzido de julho a dezembro de 2014, por adolescentes (alunos da escola) e pelos professores bolsistas. A metodologia desse estudo se dividiu em quatro módulos, partindo do objetivo de identificar a percepção do sentimento de identidade e de pertença dos adolescentes *antes* da produção do vídeo e *depois*, obtendo, assim, uma resposta ao problema de pesquisa. O estudo parte de imersão no Bairro Reolon, tendo a observação participante com apoio de entrevistas em profundidade, análise de conteúdo e análise do discurso.

Para entender o audiovisual, aprendemos o conceito de Santoro (1989): audiovisual como ferramenta ideológica na perspectiva do oprimido, tendo como recorte o vídeo popular, uma forma de “guerrilha de imagem”. Mergulhamos no mundo do cinema e em suas vertentes, focando a utilização social e crítica, a partir dos apontamentos de Martín-Barbero (2001). Enquanto o cinema moldava sua linguagem e seus gêneros e se espalhava por todos os países, a revolução tecnológica avançava e trazia o filme para dentro de casa por meio da televisão. A partir daí, despertou o movimento em que qualquer um pode fazer televisão fora das emissoras de TV, aproximando-se, na época, do discurso emergente de maio de 1968, “da consciência do papel dos meios de comunicação no condicionamento ideológico, evidenciados em pichações nas ruas de Paris [...], o mesmo

discurso que dá origem ao movimento das rádios livres”. (SANTORO, 1989, p. 22).

Foi no início dos anos de 70 que o vídeo começa a ser interpretado como “instrumento da contra-informação” (SANTORO, 1989, p. 22), o qual, recebia a função de opor-se à informação massificada e hegemônica transmitida pelos meios de comunicação de massa. Cumpria o papel de buscar outras verdades omitidas pelos grandes veículos televisivos que propagavam notícias de interesse próprio e de cunho ideológico, mas enfrentava dificuldades para propagar essas informações devido ao alcance limitado.

O documentário *REOLON por nós mesmos* (2015) se inspira na vertente da “imagem de guerrilha” de Sartoro (1989), mas também na metodologia de Freire (1996, 2004), com o intuito de cumprir com o papel de libertação. Ele também consegue fazer um jogo dialético com o opressor que se dá conta de sua própria atitude de opressão quando define: “Todos que vivem no Reolon são ‘marginais’”, inclusive os adolescentes que, nada mais são do que simplesmente adolescentes.

A produção de vídeo ocupa o espaço de ferramenta midiática autônoma, produzida pelas próprias mãos, tornando-se um instrumento de contrainformação, criticidade e consciência das classes e dos oprimidos. Trazer a produção audiovisual para dentro da sala de aula, como metodologia inspirada na concepção educacional de Freire, é colocar em prática uma das funções da História e da Comunicação como um todo, que, dentre tantas, trabalha no adolescente a conscientização e o olhar crítico voltado ao mundo que o cerca, inclusive, a própria realidade.

2 Ser adolescente de comunidade em vulnerabilidade social: quem sou eu?

Na adolescência, o sujeito social pensa de modo muito diferente das fases da infância e da adultez. Ele se encontra entre o período que o afasta do mundo da criança e o aproxima do universo adulto. É nesse processo que o adolescente acaba buscando uma identidade e passando pelos tumultos da crise de rebeldia/agressividade e de depressão. Isso ocorre em vista das várias perdas que ele vai enfrentando no decorrer de seu desenvolvimento. “Acriança precisa afirmar seu ego e criar sua própria identidade, diferenciar-se de seus pais.” (BECKER, 1994, p. 38).

E quando os contextos social e econômico em que o adolescente está inserido são o estigma da periferia, preconceitos e estereótipos vinculados à violência? O estigma do Bairro Reolon é sustentado pela ideologia, que é intrínseca à sociedade. A sociedade é composta por classes em conflito.

A ideologia, que nasce da combinação de comportamentos, normas e padrões culturais, cria uma percepção de mundo, uma organização de ideias que vai guiar o indivíduo, passando a fazer parte de sua personalidade. (CHAUI, 2001). Porém, quem estipula as normas a serem seguidas é a classe dominante. Isso explica o porquê do olhar carregado de preconceito para o morador/adolescente de comunidade em situação de vulnerabilidade social. Esse, que vive na comunidade, é estereotipado como marginal em razão da ideologia dominante que define: *quem vive na periferia é bandido*. Isso é tão irrefutável que é possível perceber, nas falas dos adolescentes (Quadro 1), quando convocados a refletir sobre *como me veem?*

Quadro 1 – Como me veem?: perspectiva de um adolescente

COMO ME VEEM?

Adolescente P	“Não tenho ideia (pausa) ...mas acho que me vê como (pausa) como uma pessoa de mal (minha intervenção : por quê?) Porque já vi falarem que ninguém gosta do Reolon.”
Adolescente O	“Nunca pensei nisso, (pausa) pensá como os outros me veem de outro bairro.”
Adolescente U	“Pensam que (pausa), que não é ninguém.”
Adolescente N	“Sempre olharam (pausa)... desde que eu tinha, ahm, cinco anos (pausa) já falaram bem assim: ahn, aí tu vai começar a robá porque tu é do Reolon, tu é do Mariani, não sei o quê... (pausa) vai começá a brigá, vai começá a robá coisa (pausa)... mas eu nem dava bola (pausa). Gosto desse bairro, morei aqui (pausa) desde, desde que eu nasci (pausa), então nunca vô trocá daqui.”
Adolescente T	“Acho que me vê assim, (pausa) chata.” (minha intervenção : Por quê?) “Porque têm alguns que não gostam muito desse bairro.”
Adolescente S	“Tem muita gente que olha diferente por causa do bairro, falam muito mal do bairro (pausa), mas não, o bairro é bom.” (minha intervenção : Por que falam mal do bairro?) “Por causa que às vezes aqui acontece morte, mas todo bairro tem isso. Todo bairro acontece, então não é só o bairro Reolon. (minha intervenção : Mas você acha que olham diferente pra quem vive aqui?) Pra mim (pausa), se olhando ou não olhando, eu tô sendo igual. (pausa) pra mim olhá ou não olhá é a mema coisa.”
Adolescente V	“Tem uns que gostam do Reolon, têm outros que acham que aqui é ... (pausa) é putaria. É muita safadeza, que acontece muita coisa aqui.” (minha intervenção : Falam mal por quê?) “Por causa das bocas de fumo (pausa), muito lixo, muitas coisas.”
Adolescente R	“Eu acho assim (pausa) têm pessoas que sim, têm pessoas que não (pausa) que nem assim, o Mariani ali, oh Mariani, os guris têm encrenca com os daqui de baixo, dos que dali de cima (pausa), mas eu não tenho encrenca lá. (pausa) Mas eles falam mal do Reolon, a maioria das pessoas falam mal do Reolon.”
Adolescente Q	“Uai porque mora no Reolon vai é (pausa) usam pedra, usam droga e tal. (pausa). É marginal, vai robá, (pausa), vai tá preso daqui alguns anos.”

Fonte: Dados coletados a partir de entrevistas.

É importante destacar que essa pode ter sido a primeira vez que eles tenham parado para refletir sobre a questão: *quem eles são, como eles são*. Pôde-se perceber, com o exercício, o quanto reproduziam um estereótipo de criminalidade, violência e inferioridade que lhes foi emulado ideologicamente.

Mosquera (1977) observa que o olhar para si e o olhar dos outros contribuem para a formação da autoestima, refletindo na autoimagem do adolescente. “A autoestima parte de como a pessoa aprendeu a se ver, apreciando seus comportamentos e percebendo como os outros a veem. O julgamento sobre si se realiza na medida em que os outros reagem ante nossa pessoa.” (MOSQUERA, 1977, p. 44).

Pensar como o adolescente constitui sua identidade é fundamental, mais ainda, quando está em questão o adolescente de comunidade em situação de vulnerabilidade social. Becker (1994, p. 13) observa que, por exemplo, a criança pobre “será empurrada para a vida adulta muito mais precoce e abruptamente do que um jovem de uma classe mais privilegiada, que pode prolongar sua adolescência indefinidamente”.

Quando o adolescente U diz: “*Pensam que (pausa), que não é ninguém.*”, traz o encadeamento da invisibilidade que Costa (2004, p. 116) mostra: “[Essa] percepção de não aparecer para os outros é a sensação de existirmos como coisas, um esvaziamento.”

A proposta do estudo sobre a reflexão acerca do sentimento de identidade e pertença em adolescentes de comunidades em situação de vulnerabilidade social se justifica, principalmente, por ser uma fase da vida em que a identidade é construída, e, a educação que não se preocupa com as questões sociais, não é, de fato, uma educação que humaniza.

3 Técnicas metodológicas para compreender um cenário social

A pesquisa bibliográfica com apoio de alguns teóricos que discursam sobre questões da adolescência (poder, ideologia, estereótipos, reconhecimento, visibilidade social), desenhou um cenário que nos permitiu compreender as relações sociais e culturais presentes no cotidiano do adolescente de comunidade em situação de vulnerabilidade social. As forças de dominação e exclusão estão relacionadas à formação da identidade, da luta por reconhecimento das comunidades oprimidas. Refletir sobre essas questões contribui para traçar um caminho em que a educação humanizadora e libertadora é possível. Assim como nos fundamentos de Freire (2004), é preciso trilhar caminhos em que a libertação do oprimido

seja verdadeira, e que isso somente será possível quando o sujeito conseguir libertar-se de si e daquele que o oprime.

Compreendemos que o modo como o adolescente de comunidade em situação de vulnerabilidade social desenvolve o sentimento de identidade e de pertença ao bairro está preso, também, a aspectos de subjetividade. Partimos, então, dos questionamentos – “Como me veem?”, “Como eu me vejo?” – como técnica metodológica para a produção audiovisual. Isso possibilitou e nos deu pistas para a investigação de como tal adolescente percebe o espaço ao seu redor e de como lida com os estigmas existentes. O que os *outros* falam da comunidade, e como o adolescente desenvolve o sentimento de identidade e de pertença.

O documentário *REOLON por nós mesmos* reuniu uma amostra de 30 pessoas. Dessas, 22 são atores/personagens no documentário. No período de produção, realizamos, a partir das falas dos 22 sujeitos, uma pesquisa qualiquantitativa, partindo de observação participante e aplicando a análise de conteúdo e análise do discurso com o propósito de identificar estereótipos presentes. Ainda com a amostra, usamos entrevista em profundidade com 15 adolescentes/produtores e com o professor responsável.² Ao material obtido aplicamos a análise do discurso. Esse módulo deu-se após a conclusão do documentário, com o objetivo de identificar mudanças na percepção de adolescentes sobre a própria realidade. Da amostra, oito assumiram duplo papel, isto é, produziram (filmaram) o documentário e também foram seus personagens.

Para o fechamento do estudo, aplicamos questionários a integrantes da comunidade, aproveitando uma atividade comunitária em homenagem ao *Dia das Mães*. Nesse dia, ocorreu o lançamento oficial do documentário. A atividade teve como propósito despertar/estimular o sentimento de responsabilidade e de reconhecimento nos adolescentes/produtores do documentário e mostrar aos moradores do bairro o trabalho realizado, a fim de perscrutar o olhar desses mesmos moradores sobre a própria realidade. Em um universo de 150 pessoas presentes no evento, conseguimos uma amostra de 65 formulários (com perguntas fechadas) de pesquisa de opinião sobre o bairro a partir do *REOLON por nós mesmos*.

A etapa da análise foi dividida em quatro módulos:

- a. *Câmera na mão – ensinando a ensinar*: explicitamos aos professores como é possível ensinar produção audiovisual em sala de aula e que papel ele pode exercer sobre a educação, sobre o desenvolvimento

² As entrevistas em profundidade foram gravadas em um único dia, individualmente. No total, 19 adolescentes participaram da produção do documentário (cinco deles, porém, não participaram das entrevistas pois trocaram de escola).

do autoconhecimento (autoestima e identidade) e sobre o sentimento de pertença. Desde o início de 2014, cinco alunos bolsistas do Pibid criaram projetos educacionais no ensino de História na Escola Municipal Machado de Assis. Um dos projetos era trabalhar a produção de um documentário sobre o bairro. A ideia consolidou-se com a união da pesquisa de graduação (Pibid) com a pesquisa do Programa de Pós-Graduação (Mestrado). Dessa forma, conseguimos a possibilidade de os professores aprenderem a ensinar produção audiovisual aos adolescentes, cumprindo um dos principais objetivos deste estudo: viabilizar a aprendizagem dos alunos por meio da produção audiovisual em aulas de História. Para auxiliar os bolsistas, ministramos oficinas de produção audiovisual utilizando o conhecimento profissional do pesquisador (jornalismo televisivo) e o desejo de compartilhar o saber. A linguagem da produção audiovisual – enquadramentos, ângulos, roteiro, movimento, o poder da imagem – foi trabalhada a partir dos conceitos de Modro (2008), pesquisador e criador do projeto “Cineducação”.

b. O que os outros falam do Reolon? – o processo de reflexão sobre o estigma: o processo de reflexão sobre o estigma; nessa etapa, trazemos informações a partir das técnicas – análise de conteúdo e análise do discurso – aplicadas às 22 pessoas já mencionadas. As análises estão relacionadas às categorias: estereótipos/ideologia e identidade/autoestima. Câmera na mão – a autonomia do adolescente ao escrever sua história – esse módulo apresenta a análise identificando as mudanças da percepção do adolescente em relação à própria realidade e ao próprio sentimento de identidade e de pertença, relacionando sua aprendizagem à construção da própria história a partir da produção do documentário REOLON por nós mesmos: o fazer História e aprender História presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Nessa etapa, a técnica metodológica utilizada foi a análise do discurso correlacionando as categorias: reconhecimento/visibilidade/pertença e aprender História a partir dos conceitos dos PCNs/ensino de História.

c. Eu SOU Reolon – a voz da comunidade a partir de um documentário. Essa última etapa é o fechamento da pesquisa, quando o documentário REOLON por nós mesmos é apresentado ao público, sendo visualizado pela comunidade em um evento escolar, na própria comunidade.

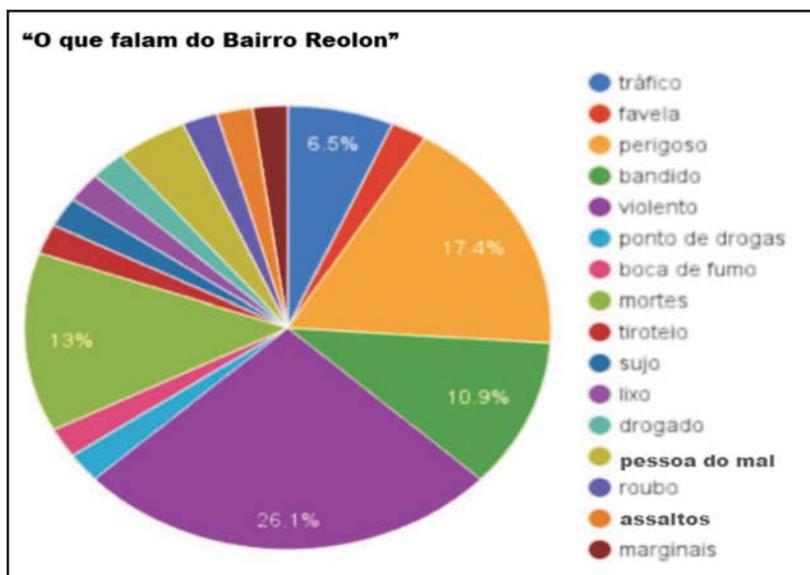
Gráfico 1 – Após assistir ao documentário, a minha opinião mudou

Fonte: Dados coletados a partir de entrevistas.

A produção audiovisual, assim como o ensino de História, cumpre seu real papel quando consegue idear uma educação libertadora e humanizadora. Ter a noção de reconhecimento possibilita estabelecer relações entre identidades individuais e identidades sociais. A partir do sentimento de pertença do local, é possível criar, no adolescente, assim como, no morador que não reconhece e compreende a própria realidade, a ideia de participação social e política, tendo como consequência estímulo a atitudes críticas diante da realidade que o cerca, além da possibilidade de aproximação da transformação histórica e sociocultural da realidade e do próprio indivíduo.

Durante a produção do documentário, percebemos, no discurso dos entrevistados e dos adolescentes, que o Bairro Reolon convive com o estigma da violência. Partimos do seguinte questionamento: “O que falam do Bairro Reolon?”. (Gráfico 2), mostra palavras, adjetivos e estereótipos mais frequentes quando o bairro é mencionado). Isso nos fundamentou para compreender o sentimento de quem vive em comunidades em situação de vulnerabilidade social e questionar como o adolescente lida com essa realidade. A partir desse cenário, o indivíduo é estigmatizado? De onde surgem as identidades de bandido, pessoa de mal, marginal?

Gráfico 2 – “O que falam do Bairro Reolon”



Fonte: Dados coletados a partir de entrevistas.

Nos 22 questionários analisados, 26,1% das respostas representam que “bairro violento” é a característica mais presente quando o Reolon é mencionado, seja por pessoas que não vivem ali, seja por moradores. O estigma de “bairro violento” contribui com a construção do imaginário de bandido. Isso explica os 10,9% de prevalência da palavra bandido referente ao Reolon.

O imaginário de bandido somente é construído a partir do estereótipo que, segundo Martino (2009), não é uma representação equivocada, mas “uma caricatura. [...] Quando a representação toma lugar do representado o estereótipo ganha força de dogma e se converte em preconceito”. (p. 22).

O discurso dos atores/personagens do documentário está imbuído de referências que os mesmos atribuem à mídia: a propagadora da ideologia dominante.

A ideologia dominante opera por meio do poder simbólico presente nos meios de comunicação. Bourdieu (2001) explica que o poder simbólico é aquele subordinado e distinto das outras formas de poder, como o político, o econômico e o das relações humanas. Ele se atualiza pela comunicação, pelo discurso. A imposição do poder está intrinsecamente no discurso que neutraliza o poder crítico dos sujeitos, que acabam integrando as classes dominadas.

O audiovisual corrobora a produção de saber; trabalha a criticidade e a conscientização do indivíduo; instiga o adolescente a descobrir e a compreender a própria história por meio das histórias dos outros, assim como um espelho. É um compartilhar de saberes e de sentidos, inclusive, de sentimentos de pertença a uma comunidade.

No Quadro 2, é possível identificar pistas que nos levaram ao sentimento de pertença e de reconhecimento dos adolescentes após o envolvimento com a produção audiovisual. Temos consciência de que essa metodologia, com produção de audiovisual, assim como qualquer outro processo de aprendizagem, nunca será totalizadora. Lidamos com o livre-arbítrio das pessoas e com a formação cultural das mesmas, além de partir da subjetividade de como cada adolescente percebe a si e aos outros. Por isso, quando analisamos a fala do adolescente **U**, que, mesmo após todo o trabalho desenvolvido, respondeu: “*Não tenho orgulho de morar aqui*”, é algo que a educação, em sua profundidade e competência, admite e compreende. Da mesma forma, o adolescente **S** respondeu: “*Não, não mudou. Continua o mesmo olhar. Nunca mudei o olhar porque o bairro é sempre bom, todo bairro tem violência, tem suas complicações, todo bairro tem (pausa) ponto de droga. Nunca mudou meu olhar*”. Isso mostra o quanto o discernimento de compreender e humanizar a própria realidade, após a insistência pedagógica trabalhada pelos educadores e pela própria relação com a comunidade, passa a ser intrínseco ao indivíduo.

Quadro 2 – O orgulho de pertencer à comunidade

“Você tem mais orgulho do bairro depois do documentário?”

Adolescente N	“Nossa, agora eu tenho muito, muito mais do que (pausa), não tenho outra palavra pra falar de tanto orgulho. Por causa que antes eu achava que esse bairro era, era horrível, sempre queria morar em outro bairro mas, vendo (pausa), vendo esse documentário ficou bem melhor.”
Adolescente X	“Eu tenho. Minha mãe qué trocá de bairro mas eu não quero. (pausa) O bairro não é só violência. Muitas pessoa falam, aii o bairro Reolon é violência. Não é só violência!!!”
Adolescente Z	(<i>Minha intervenção</i> : Tem orgulho do bairro?) “Tenho!” (<i>Minha intervenção</i> : E agora, depois do documentário?) “Mais ainda!”
Adolescente A	“Aham. Porque a gente tem coisa boa e não dá valor.” (<i>Minha intervenção</i> : Antes tu não tinha orgulho de morar aqui?) “Não. Porque tu só ouvia maus boatos.” (<i>Minha intervenção</i> : E agora?) “Melhorou. Eu ganhei um orgulho que eu não tinha antes.”
Adolescente B	“Não é que não tinha (pausa). É que, a gente saía assim (pausa) daí a gente ouvia muito assim, muito preconceito com o bairro assim, ficavam falando mal do bairro.”
Adolescente O	(<i>Minha intervenção</i> : Tem Orgulho de morar aqui?) “Eu tenho né. Morei aqui desde de pequeno. Só aqui no Reolon.” (<i>Minha intervenção</i> : Tem mais orgulho agora, depois do documentário?) “Tenho mais orgulho. Porque todos que vejam o Reolon de fora assim, que não convive aqui dentro do Reolon falam: Ah não, o Reolon é ruim, é isso, é aquilo, bem no fim não é, o Reolon é bem calmo, bem legal, têm pessoas bem legais também que moram aqui no Reolon, pessoas simpáticas.”
Adolescente U	“Não muito. Não tenho orgulho de morar aqui.”
Adolescente Y	“Sim, eu já tinha orgulho, mas (pausa) agora parece que dá mais vontade de fica no bairro, sabe?! Mais vontade. Porque, quem vê o documentário, não olha mais a gente com aquele olhar, que ahm, tu é diferente entendeu?!”
Adolescente W	“Sim, um pouco. (pausa) Antes eu achava que... (pausa) era violento, que tinha bastante morte o tempo todo, mas eu vi que não é assim.”

Adolescente S	“Não, não mudou. Continua o mesmo olhar. Nunca mudei o olhar porque o bairro é sempre bom, todo bairro tem violência, tem suas complicações, todo bairro tem (pausa) ponto de droga. Nunca mudou meu olhar.”
Adolescente Q	(<i>Minha intervenção</i> : tinha orgulho de morar aqui?) “Hum, um pouco.” (<i>Minha intervenção</i> : E agora?) “Agora eu tenho.” (<i>Minha intervenção</i> : O que mudou?) “Não sei.” (<i>Minha intervenção</i> : Você acha que tem mais orgulho de morar aqui depois do documentário?) “Sim. Porque começaram a dar valor. Mostraram onde nós vivemos e ... começaram a dar valor para o que nós temos.”

Fonte: Dados coletados a partir de entrevistas com adolescentes.

É substancial o adolescente discernir a própria realidade. Afirma o professor **M**:

Eu sempre ressalto que, a partir do ponto que você conhece sua própria história, tu constrói uma identidade. Você sabe de onde veio, pra onde vai e o que fazer também, aprendendo com o que foi feito de errado e de certo no passado, pra poder fazer uma análise e poder ter mais fundamentação. Não é que vai transformar a história, mas vai ter mais fundamentação pra fazer uma realidade e um futuro melhor.

É uma transformação que ultrapassa um preceito de educação formal e escolar, pois vai além, perpassa e valida a educação social, legitima uma educação que idealiza ações humanizadoras, seja na relação do professor versus aluno, aluno versus aluno, aluno versus comunidade e, principalmente, aluno versus a própria realidade.

Considerações finais

Nossos objetivos foram alcançados. Desenvolvemos a metodologia do estudo a partir da divisão em quatro módulos, o que possibilitou captar informações durante o processo de gravação do documentário *REOLON por nós mesmos* e após sua conclusão.

A primeira fase: *o passo a passo* de como fazer um audiovisual aproximou o universo acadêmico do cotidiano dos professores da Escola Municipal Machado de Assis. Capacitar os professores (bolsistas do Pibid), explicando as possibilidades de produção audiovisual e, principalmente, o papel social e libertador que ele exerce, legitimou a viabilidade do uso dessa ferramenta como recurso didático-pedagógico no ensino de História. Ambos – ensino de História e audiovisual – apresentam competências primordiais para formação humana. A metodologia desenvolvida mostra um caminho para envolver o aluno no processo de aprendizagem, a partir do audiovisual, trabalhando teoria e *práxis* e criando significação, além de dar visibilidade

ao modo como relações de autonomia, reconhecimento, identidade, pertença e respeito se desenvolvem a partir do recurso didático-pedagógico: a produção audiovisual.

Para compreender o antes e o depois da produção audiovisual, ratificando a potencialidade de formação no desenvolvimento do sentimento de identidade e pertença, optamos, na primeira parte da análise, por realizar uma observação participante para coletar os estereótipos presentes no discurso dos moradores, professores e adolescentes/produtores quando a comunidade Reolon é mencionada. A resposta de 26,1% deles caracteriza o bairro como *violento*, certificando o poder e a disseminação da ideologia dominante. Também foi possível descrever como os adolescentes percebem o olhar dos outros (“*Como me veem?*”). A fala de um dos adolescentes traz a representação das marcas causadas pela opressão: “*Sempre olharam (pausa)... desde que eu tinha, ahm, cinco anos (pausa) já falaram bem assim: ahm, aí tu vai começar a robá porque tu é do Reolon, tu é do Mariani, não sei o quê... (pausa) vai começá a brigá, vai começá a robá coisa (pausa)..., mas eu nem dava bola (pausa). Gosto desse bairro, morei aqui (pausa) desde, desde que eu nasci, (pausa) então nunca vô trocá daqui.*” O exercício de reflexão sobre “*como os outros me veem*” viabilizou ao adolescente pensar sobre a representação do estereótipo de criminalidade, violência e inferioridade que lhe fora emulado ideologicamente, permitindo, assim, que ele pense criticamente a respeito da própria realidade, como foi identificado no processo de análise do discurso.

Na segunda parte da análise, na etapa das entrevistas em profundidade, a partir da análise do discurso, foi possível identificar o sentimento de orgulho dos adolescentes em morar no Bairro Reolon, após o envolvimento com a produção do documentário. Eles puderam conhecer a história local da comunidade e fizeram a leitura do documentário, que funcionou como um espelhamento, construindo, subjetivamente, a percepção de pertença, corroborando com o sentimento de autoestima (identidade).

Temos consciência de que essa metodologia, com a utilização da produção audiovisual, assim como qualquer outro processo de aprendizagem, nunca será totalizadora. Mesmo que saibamos a potencialidade de formação humana que o audiovisual possibilita, lidamos com o livre-arbítrio das pessoas e com a formação cultural das mesmas, além da subjetividade de percepção de cada indivíduo. Portanto, não buscamos a transformação dos adolescentes, pois o processo a partir do audiovisual não se resume à transformação da realidade, mas à humanização dela e do próprio adolescente.

A transformação que idealizamos ultrapassa um preceito da educação formal e escolar. Ela é validada em uma educação social, legítima que

trabalha na perspectiva de ações humanizadoras, seja pela relação do professor com o aluno, seja do aluno com o aluno, aluno com a comunidade, e, principalmente, do aluno com a realidade ao seu redor.

A partir da fundamentação e do processo percorrido, conseguimos identificar e responder ao nosso problema de pesquisa: *A produção audiovisual, como recurso didático-pedagógico no ensino de História, pode trabalhar o sentimento de identidade e de pertença em adolescentes de comunidades em situação de vulnerabilidade?*

A combinação e a cumplicidade entre o ensino de História e o audiovisual corroboram uma educação libertadora e humanizadora. O sentimento de pertença a uma comunidade possibilita criar, no adolescente, assim como no morador que não reconhece e não compreende a própria realidade, a ideia de participação social e política, tendo como consequência estímulos de atitudes críticas diante da realidade que o cerca. Permite a aproximação da transformação histórica e sociocultural da realidade e do próprio indivíduo. Os conceitos estudados nesta pesquisa viabilizaram a possibilidade de construção de novas relações sociais e culturais, humanizando o cotidiano do adolescente de comunidade em situação de vulnerabilidade social.

É sabido que as forças de dominação e exclusão estão presentes em contextos desiguais e que corroboram a formação da identidade e a potencialidade de reconhecimento negado. Permitir-se pesquisar alternativas que humanizem essas relações vem ao encontro do rompimento da ideologia, destacado por Chauí (2001), “uma ideologia não possui um poder absoluto que não possa ser quebrado e destruído. Quando uma classe social compreende sua própria realidade, pode organizar-se para quebrar uma ideologia e transformar a sociedade”. (p. 24). A reflexão acerca dos apontamentos identificados na relação ideológica possibilita a construção de um caminho em que a educação humanizadora e libertadora é possível. Freire (2004) já apontava que é preciso trilhar caminhos em que a libertação do oprimido seja verdadeira, e isso somente é possível quando ele consegue libertar-se de si e daquele que o oprime. Assim, cumprimos nosso papel: a aproximação de uma educação que, de fato, humanize.

Referências

ACKERMAN, Nathan. *Diagnóstico y tratamiento de las relaciones familiares*. Buenos Aires: Hormé, 1966.

DALL AGNOL, Caroline. *Produção audiovisual como recurso didático-pedagógico no ensino de História: “Como me veem?”, “Como eu me vejo?” Estudo de caso de adolescentes de uma comunidade em situação de vulnerabilidade social*. 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em História, Caxias do Sul, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/1088/Dissertacao%20Caroline%20Dall%20Agnol.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 15 maio 2014.

BECKER, Daniel. *O que é adolescência?* 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção Primeiros Passos, 59).

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos: conflitos muticulturais da globalização*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1999.

_____. Dezessete anos do Observatório da Imprensa. *Observatório da Imprensa*, 2015. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/oitv/entrevista-com-nessor-garcia-canclini/>>. Acesso em: 17 jun. 2015. Entrevista concedida à autora.

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia?* 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001. (Coleção Primeiros Passos, 13).

COSTA, Fernando Braga. *Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social*. São Paulo: Globo, 2004.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

_____. *Pedagogia do oprimido*. 38. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

_____. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. de Tomaz Tadeu Silva e Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HENNEBELLE, Guy. *Os cinemas nacionais contra Hollywood*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Ed. 34, 2003.

LEITE, Camila Rodrigues. *O grupo “Nós na fita”*: análise de uma prática mídia-educativa protagonizada por jovens moradores do Morro Preventório. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – PUCRio, Programa de Pós-Graduação em Educação, Rio de Janeiro. 2005. Disponível em: <<http://www2.dbd.puc->

rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open = 1 &arqtse = 0310218_05_Indi ce.html%3E> . Acesso em: 13 maio 2014.

MACHADO, Arlindo. Fotografia em mutação. *Revista Nicolau*, v. 1, n. 49; jul./ago. 1993. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/fotografia/wp-content/uploads/downs-uteis-fotografia-em-mutacao.pdf>> . Acesso em: 21 maio 2015.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2001.

MARTINO, Luíis Mauro Sai. *Teoria da comunicac'abo: ideias, conceitos e meitodos*. Petrópolis: Vozes, 2009.

MARTINS, Gilberto de Andrade. *Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MODRO, Nielson Ribeiro. *Nas entrelinhas do cinema*. Joinville: Univille, 2008.

MODRO, Nielson. Cineducação. Disponível em: <<http://www.modro.com.br/cinema/projeto.htm>> . Acesso em: 21 jun. 2015.

MOSQUERA, Juan José Mouriño. *Adolescência e provocação: a auto-estima no adolescente*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 1977.

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 9. ed. Campinas: Pontes, 2010.

OROZ, Sílvia. *Melodrama: o cinema de lágrimas da América Latina*. Rio de Janeiro: Funarte, 1999.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PARANAGUÁ, Paulo. *O cinema na América Latina*. Porto Alegre: L&PM, 1985.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1998.

PEREIRA, Josias; JANHKE, Giovana. *Produção de vídeo nas escolas: educar com prazer*. Pelotas: Erd filmes, 2012. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/114192784/Producao-de-video-nas-escola-Educar-com-prazer>> . Acesso em: 13 jun. 2014.

PEREIRA, Marcos Emanuel. *Psicologia social dos estereótipos*. São Paulo: EPU, 2002.

PIETTE, Jacques. *Éducation aux médias et fonction critique*. Paris: L'Harmattan, 1996.

RODRÍGUEZ, Jorge; BUSSO, Gustavo. *Migración interna y desarrollo en América Latina entre 1890 y 2005: un estudio comparativo con perspectiva regional basado en siete países*. Naciones Unidas, Santiago de Chile: Cepal, 2009.

SADER, Emir. País sem miséria é país sem pessoas abandonadas. *Carta Maior*. 2011. Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/templates/postMostrar.cfm?blog_id=1&post_id=715> . Acesso em: 13 maio 2015.

SALVADORI, Mateus. Luta por reconhecimento: Axel Honnet. *Revista Conjectura*, Caxias do Sul, v. 16, n. 1, p. 189, jan./abr. 2011.

SANTORO, Luiz Fernando. *A imagem nas mãos: o vídeo popular no Brasil*. São Paulo: Summus, 1989. v. 32.

SANTOS, Milton. *O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

SÓLIO, Marlene Branca. *Violência: um discurso que a mídia cala*. Caxias do Sul: Educs, 2010.

SOUZA, Jessé (Org.). *A invisibilidade da desigualdade brasileira*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2006.

STECANELA, Nilda. *Jovens e cotidiano: trânsitos pelas culturas juvenis e pela escola da vida*. Caxias do Sul: Educas, 2010.

VAN DIJK, Teun A. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2008.

VAN MANEN, M. *Researching lived experience: human science for na action sensitive pedagogy*. London: The Althouse Press; State University of New York Press, 1990.

WASELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da violência 2014: os jovens do Brasil*. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil_Preliminar.pdf>. Acesso em: 30 maio 2015.

WEISSHEIMER, Marco Aurélio. Violência e desigualdade social: o tamanho do problema. *Carta Maior*. 2006. Disponível em: <<http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Violencia-e-desigualdade-social-o-tamanho-do-problema/4/10608>>. Acesso em: 9 jul. 2014.

Sites

CRAS (Centro de Referência da Assistência Social). Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Brasil. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/falemds/perguntas-frequentes/assistencia-social/psb-protacao-especial-basica/cras-centro-de-referencias-de-assistencia-social/cras-institucional>>. Acesso em: 22 mar. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. TV Escola. Canal de Educação. *Oficina de Produção de Vídeo*, Disponível em: <http://curtahistorias.mec.gov.br/images/pdf/dicas_producao_videos.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2014.

ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente). Disponível em: <<http://www.adolescencia.org.br/site-pt-br/eca>> Acesso em: 5 jul. 2015.